



## **A EJA INTEGRADA À EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: UM ESTUDO DAS DESIGUALDADES SOCIAIS NAS CONCEPÇÕES DE PROFESSORES E ESTUDANTES DO PROEJA NO INSTITUTO FEDERAL DO SERTÃO PERNAMBUCANO**

**MARCIA ARAÚJO RIBEIRO LIMA**

Doutoranda no PROPED/UERJ na linha de pesquisa Currículo: sujeitos, conhecimentos e cultura, professora das disciplinas pedagógicas da Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco, pesquisadora do GP: Aprendizados ao longo da vida: sujeitos, políticas, processos educativos (<http://jansedapaiva.wix.com/aprendizadolongovida>). [marciaarlima@uol.com.br](mailto:marciaarlima@uol.com.br);

**Eixo Temático 7**

Políticas públicas para a educação de jovens e adultos na perspectiva do mundo do trabalho

### **Resumo**

A questão das desigualdades sociais tem sido tema de debates e preocupações no âmbito das políticas educacionais e em especial na Educação de Jovens e Adultos – EJA, considerando que, historicamente, a EJA é oferecida para os sujeitos que tiveram seus percursos escolares iniciados tardiamente pela condição de trabalhadores, percursos esses marcados por diversos processos de desigualdades vividos. O presente texto, fruto de dissertação de Mestrado já concluído no Programa de Pós-Graduação em Educação, Processos Formativos e Desigualdades Sociais na FFP/UERJ, teve como objeto o PROEJA – Programa de Educação Profissional Integrada à Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos - IF Sertão Pernambucano/Petrolina, em que um dos nossos objetivos foi analisar as concepções dos professores e estudantes sobre desigualdades sociais, considerando seu histórico e seus aspectos atuais. Inserido no contexto da região Nordeste do Brasil, pesquisar e compreender como as desigualdades sociais são expressadas nas concepções dos professores e estudantes do Programa se configura problemática de grande relevância, posto que em recentes eventos do campo da EJA, a exemplo do Diálogos com Paulo Freire em Natal-RN, do SEJA na PUC RIO, do CONPEJA em Campos dos Goytacazes-RJ o tema e o objeto de pesquisa, veicula uma contribuição para análises que enlaçam desigualdades sociais e projetos em disputa pela formação de jovens e adultos trabalhadores.

**Palavras-chave:** Desigualdades sociais, PROEJA, EJA, Trabalho e Educação

### **INTRODUÇÃO**

Apoiados nas discussões sociológicas sobre desigualdades em Dubet (2001), Castel (1998), Bourdieu (1998/2010) e nos clássicos da Filosofia Hobbes, Locke, Rousseau e Marx, optamos por uma abordagem de pesquisa qualitativa, tendo como *locus* de investigação, o PROEJA do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – Campus Petrolina-PE. A partir de entrevistas, apoiadas por um roteiro de



questões, junto a professores e estudantes do Programa nos cursos de Edificações, Eletrotécnica, Informática e análise documental, tendo como referência o Documento Base do Programa institucionalizado pelo MEC no ano de 2007.

Deste pressuposto, deflagramos as seguintes questões: há evidências de que o PROEJA alcança a meta de reparar a dívida social que o país tem com esses cidadãos trabalhadores? Como as desigualdades sociais se apresentam nas concepções dos professores e estudantes do programa? Considerando os contextos em que as desigualdades sociais vêm sendo produzidas historicamente, como estudantes e professores do PROEJA de Petrolina compreendem possibilidades de sua superação?

Os resultados da pesquisa nos permitem analisar que a questão do trabalho e o direito ao trabalho digno é uma das dimensões de enfrentamento das desigualdades sociais. Assim, tanto para professores quanto para estudantes o imbricamento entre escolarização e trabalho ocupa a centralidade das concepções nas vozes trabalho de professores e estudantes a respeito das desigualdades. Alguns desdobramentos destas análises iremos abordar no texto que está organizado em três seções: Na primeira seção, abordamos alguns aportes teóricos em diálogo com autores que fundamentaram a pesquisa; na segunda seção apresentamos um breve relato do percurso da pesquisa, bem como os resultados e mediações de análise com o *corpus* empírico da pesquisa e, por fim, apresentamos nossas considerações sobre os resultados analisados.

Nos limites deste texto, abordaremos os sentidos das desigualdades sociais no pensamento de alguns autores, entre eles, HOBBS (2009), LOCKE (2000), ROUSSEAU (1999), MARX (1982).

Para compreender as concepções desses teóricos acerca das desigualdades, considera-se necessário pontuar suas considerações sobre os homens na busca de criar uma entidade que estabeleça um contrato social capaz de reger as relações que esses desenvolvem com outros homens.

Assim, segundo Hobbes (2009, P. 74), todos os homens são iguais, pois a igualdade do homem reside no fato de cada um, por natureza, ter suficiente potencialidade para matar um outro já que, a fraqueza pode ser compensada pela astúcia. A igualdade coloca todos os homens na mesma insegurança. Daí a necessidade do estado para dar alguma segurança ao indivíduo, que se sente ameaçado por todos os seus semelhantes.



A rigor, na teoria desse filósofo, não existe igualdade entre os homens porque não existe espírito de companheirismo nem responsabilidade entre os mesmos. O que os mantém juntos é um interesse comum, como, por exemplo, “algum crime capital, pelo qual todos esperam ser punidos com a morte” tendo, nesse caso, o direito de se unir, ajudando-se e defendendo-se uns de outros, pois apenas defendem suas vidas.

Já nas ideias de Locke (2000, p. 46) sobre o individualismo liberal, a igualdade é mantida pelas leis, pois segundo o filósofo, se não houver, na fundação de uma república, a constituição de leis que regulamentem as formas de governar, a desigualdade penetrará pelo lado que as leis não tiverem impedido, e a república estará perdida. Para o autor, “sem regras, não se pode governar o mundo, uma vez que o mundo não subsistirá sem elas”.

A respeito dessas relações desiguais entre os homens, Rousseau (1999, p. 133), afirma que a partir dessas práticas desapareceu a igualdade, a propriedade se introduziu, o trabalho se tornou necessário e as vastas florestas se transformaram em campos aprazíveis de modo que foi preciso regar com o suor dos homens e, nos quais, viram-se logo, a escravidão e a miséria germinarem e crescerem com as colheitas.

Ainda nessa fundamentação teórica, Marx (1982, p. 33) critica o liberalismo por contemplar somente os interesses de uma parte da sociedade e não da maioria como deveria ser. Para Marx, as desigualdades são fruto das relações sociais, políticas e culturais. Em sua perspectiva, Marx defende que as desigualdades não são apenas econômicas mas, também culturais, pois, quando um sistema político impede as relações sociais entre os homens, inviabiliza a sociedade, pois para ele, a sociedade é um conjunto de atividades dos homens ou ações humanas e essas ações é que tornam a sociedade possível.

Assim, segundo a teoria marxiana, a existência de classes sociais reforça as desigualdades da sociedade capitalista. Cada uma diferente organização social estabelece as desigualdades de privilégios e de desvantagens entre os indivíduos. Por isso, o teórico considera as desigualdades sociais como produto de um conjunto de relações pautado na propriedade como um fato jurídico e, também, político. O poder de dominação é que dá origem a essas desigualdades. Assim, as desigualdades se originam dessas relações contraditórias, refletem na apropriação e dominação, dando origem a um sistema social, no qual uma classe produz e a outra domina e se apropria da produção, onde esta última domina a primeira, dando origem ao proletariado e à burguesia.



Portanto, a origem das desigualdades entre os homens não está somente nas concepções liberais desses clássicos e nas críticas da sociologia de Marx, mas também nos pontos de vista e na realidade de muitos cidadãos brasileiros, trabalhadores e trabalhadoras, estudantes jovens e adultos.

## **DO PERCURSO METODOLÓGICO AOS RESULTADOS DA PESQUISA**

Em face às questões suscitadas pelo problema da pesquisa, optamos por uma abordagem metodológica ancorada pela compreensão da natureza complementar das abordagens qualitativas e quantitativas, optamos por uma essencialmente qualitativa, a partir do ponto de vista metodológico do estudo de caso, com entrevistas e análise documental, tendo em vista que a mesma possibilita uma imersão mais precisa no ponto a que se almejou chegar, ou seja, tocar nas concepções presentes sobre desigualdades sociais entre professores e estudantes do PROEJA. Optou-se, nesse ponto, por entrevistas que, segundo Bourdieu (apud ALVARENGA, 2010), convoca-nos a pensar que mesmo os métodos qualitativos, como entrevistas, se apoiam sobre estruturas sociais de poder, demarcando o lugar social de cada interlocutor no contexto das interações e trocas verbais engendradas pelas entrevistas.

Considerando o contexto da pesquisa e as especificidades dos sujeitos envolvidos, a pesquisa de campo foi realizada no IF SERTÃO-PE e, como instrumento de coleta de dados, foram utilizadas entrevistas, a partir de um roteiro de questões, a fim de saber quais as concepções de professores e estudantes a respeito das desigualdades sociais e como se constroem perspectivas de superação.

Nesse sentido, a abordagem foi realizada seguindo um roteiro com os seguintes questionamentos: O que é desigualdade social para você? Você costuma discutir essa questão durante suas aulas no Programa? Explique em que contextos. O que você identifica como produção das desigualdades sociais na atualidade? É possível superar as desigualdades sociais? De que maneira?

Nesse pensamento, enquadrou-se o objeto deste trabalho no estudo de caso, entendendo ser a abordagem de pesquisa mais adequada para a compreensão das desigualdades sociais no universo circunscrito dos entrevistados.



## **DIÁLOGOS SOBRE DESIGUALDADES SOCIAIS NAS VOZES DE ESTUDANTES E PROFESSORES DO IF/SERTÃO PERNAMBUCANO**

O trabalho realizado nos possibilitou afirmar que alguns eixos foram privilegiados, quais sejam: o educativo, o social, o político e o do trabalho. Exemplo disso foi a fala da professora **M** quando fez a seguinte afirmação:

[...] eu abordo essa problemática quando reforço com eles a necessidade de ter compromisso com os estudos, pois os mesmos não dão muita importância em pesquisar e construir as tarefas de casa, ainda não se conscientizaram da desvantagem em que vão enfrentar quando se depararem com os alunos do ensino médio diurno na concorrência do ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio e nos testes para emprego, essa é uma cultura que vem sendo manifestada desde o descobrimento, falta de interesse em estudar, conhecer, ser crítico, o trabalhador se conforma em ganhar só para sobreviver.

Antes de enfatizar essa afirmação acima, a professora se referiu a Bourdieu (2010) a respeito das questões sobre capital cultural quando a família influencia na prática de realização dos trabalhos de casa por parte dos estudantes, pois, como afirma a professora:

[...] em sua maioria os familiares dos alunos são analfabetos, eles não costumam estimular os filhos a realizar atividades de pesquisa ou mesmo discussões a respeito de suas aprendizagens mediadas pela construção das atividades de casa propostas pelos professores.

Pode-se perceber, na fala acima, o quanto a professora está mergulhada nas concepções liberais, visto que a mesma atribui aos alunos a responsabilidade pelos seus fracassos e sucessos - os que fazem mais sacrifícios e esforços serão os bem sucedidos. Por essa concepção, parece não perceber que vem lidando com uma realidade social desigual, pois o Programa, ao focar, essencialmente, sujeitos apartados do direito à educação, à política e ao trabalho, apresenta a relevância da prática educativa que vai além de uma questão “conteudista”, adentrando, assim, no âmbito da ideia força da doutrina liberal, que responsabiliza os sujeitos por seus próprios destinos, que busca ressocializar os estudantes, tornando-os familiarizados com os valores da classe dominante, referentes à lógica do ensino médio, que culmina com a continuidade da educação formal até o ensino superior.

Tal processo encontra relevância devido às mesmas questões que lhe impõem limites, ou, ao menos, dificuldades, pois trata de um público que, majoritariamente, vem de uma história de retomada da educação formal, após alguns anos afastados e, por outro lado, de alunos, que conciliam estudos com a realidade do trabalho.



O depoimento da professora A, que trabalha no curso técnico em Eletrotécnica, traz outros elementos para que se possa discutir quando afirma:

Eu discuto a problemática das desigualdades sociais com meus alunos do PROEJA quando, por exemplo, estou explicando o Inglês para um grupo que trabalha como pedreiro, pintor, outro frentista de posto de gasolina e me pergunto: como vão utilizar isso na vida? Um curso que tem metade da carga horária das disciplinas do ensino médio normal... como os alunos vão competir de igual para igual?

Essas indagações apresentadas no depoimento da professora A constata a angústia que sente ao trabalhar a disciplina no contexto da realidade de vida profissional e social de cada estudante, pois a mesma relatou, durante a entrevista, que não teve formação para atuar com educação de jovens e adultos trabalhadores. Ou seja, uma formação que considere estudantes da classe trabalhadora. Afirmou, ainda, que trabalha uma parte de sua carga horária no Ensino Médio Regular e a outra parte no PROEJA, o que a mesma considera complexo para sua prática pedagógica, enfatizando que o ideal era estudar, planejar e atuar somente com o PROEJA, pois, se fosse assim, o trabalho seria mais significativo.

A professora A tem consciência de que as desigualdades existem no próprio andamento do Programa no Instituto. Por isso, entende que, quando a instituição não disponibiliza ao professor carga horária de trabalho para planejamento ou formação específica para o trabalho educativo com a EJA, impõe limites para a realização plena de uma prática pedagógica alicerçada em alternativas curriculares, que considerem o *encadeamento entre as atitudes e as experiências das pessoas como seres no mundo* (FREIRE, 1977). Ao se considerarem as experiências trazidas pelos estudantes no contexto de EJA, estão se abrindo espaços para inclusão desses estudantes trabalhadores no contexto social e educacional, como também refletindo sobre o que realmente faz sentido e tem relevância, que justifique seus estudos numa determinada configuração curricular de EJA de Educação Básica ou de EJA profissional.

Dialogando com os depoimentos das professoras abordadas, refletimos sobre a compreensão que tem a respeito das desigualdades sociais, pois enfatizaram a problemática curricular do programa, que não atende ao tratamento dessas desigualdades para favorecer a aprendizagem dos estudantes do PROEJA, porque os mesmos cursam paralelamente as disciplinas técnicas e propedêuticas, o que impede os professores, muitas vezes, pela falta de tempo, de desenvolverem um trabalho mais detalhado com as temáticas, bem como um atendimento mais satisfatório na discussão





das dúvidas apresentadas pelos alunos. Percebeu-se, também, que independente da disciplina trabalhada ou seu conteúdo, as desigualdades sociais emergem nas relações humanas impulsionadas pelas condições de existência, da fadiga, da labuta no trabalho e vivências, muitas vezes, desconsideradas ou despercebidas por parte, até mesmo, da professora e dos membros do grupo.

Os depoimentos dos estudantes entrevistados também possibilitaram identificar concepções sobre desigualdades sociais relacionadas às questões de trabalho e educação. Ao partir para a análise das concepções entre os estudantes, em entrevistas realizadas no período de 30 de outubro a 30 de novembro de 2010 e em fevereiro de 2012 pôde-se perceber que as mesmas, em torno das desigualdades, se deram focalmente em relação ao âmbito do trabalho e da educação, apresentando, portanto, um leque de questões mais restritas que aquelas apresentadas pelo corpo docente. Segundo o estudante **W** (agente de portaria de um hospital), compreende desigualdade social no momento em que o trabalhador é discriminado por outro trabalhador, porque tem o certificado do ensino superior e exemplificou: *um dos médicos do hospital em que trabalho me desrespeitou porque o impedi de entrar por falta do crachá de identificação, quando o abordei pedindo que se identificasse, ele me respondeu dizendo: - eu sou médico você é só um porteiro.* Nesse depoimento, o estudante enfatizou a receptividade a ele direcionada ao ingressar no PROEJA quando pontuou:

[...] no Programa não sou discriminado, porque todos que estão aqui buscam, justamente, sair dessa situação de exclusão no mercado de trabalho por falta de escolaridade, pois, por parte dos colegas em sala de aula, nunca recebi nenhum tipo de discriminação.

Nessa mesma abordagem, o estudante **J** (mototaxista) deu o seguinte depoimento: *vim estudar no PROEJA porque me sentia excluído, todo curso que me apresentava para fazer pedia o certificado do Ensino Médio e eu não tinha. Saía triste, frustrado, decepcionado, agora no PROEJA tenho a certeza de que nada disso existe.* Identifica-se aqui a ilusão fecunda da escolarização de jovens e adultos trabalhadores, pois a escola, para esses estudantes, ainda é vista como o caminho, uma forma de movimento social, ou “a melhoria de vida” entre outros. Sobre o sentido de ilusão fecunda Alvarenga; Tavares (2008, p. 155) afirmam que:

É fundamental revigorarmos o sentido da *ilusão fecunda* (Sposito, 1993) que as classes populares constroem sobre a escola e percebemos no cotidiano escolar a existência de fissuras, cada vez mais visíveis e dilatadas, nesta mesma escola precária destinada aos pobres. Perceber/compreender o que manifestam as crianças e jovens



# ALFAEJA

## II Encontro Internacional de Alfabetização e Educação de Jovens e Adultos

das classes populares que, ao irromperem o território da escola, vão-nos desafiando sobre as formas pelas quais essa escola deve e precisa ser (re)pensada, ocupada, compreendida, narrada e imaginada. É dentro da escola que também se sonham os *sonhos diurnos* que desenham no ar repetíveis vultos de livre escolha. Assim, tanto podem entusiasmar e delirar, como também, podem ponderar e planejar (BLOCH, 2005). São sonhos que irrigam a ideia da possibilidade, da viabilização daquilo que em um primeiro momento, nos parece impossível e irrealizável.

A desigualdade econômica é também apresentada nesses e em outros tantos depoimentos dos estudantes que enfatizam uma aspiração pessoal, que é a “melhora de vida” mediante o aumento de salário e entendem que, para isso, é necessário mudar de profissão estudando. Segundo Castel (1998, p. 529), na sociedade salarial capitalista, a questão social é analisada tendo como ponto de partida *o enfraquecimento da questão salarial onde a precarização do trabalho é um processo central*. Nessa sociedade, ocorre a procura de posições as quais estão associadas a uma utilidade social de reconhecimento público, procura essa que o autor considera como causa da ocorrência de déficit de lugares ocupáveis na estrutura social, pois o mesmo trabalha com a ideia de que esse Estado social não assume a responsabilidade *pela melhoria progressiva da condição de todos*. (*idem*, p. 498).

Compreendendo o estudo do autor, identifica-se que, nessa sociedade salarial, não há garantia de segurança no emprego; entretanto, quando as demandas capitalistas mudam, os trabalhadores entram para a situação de precariedade e nesse contexto, insere-se a situação da estudante entrevistada e de muitos outros no contexto da EJA.

Por isso, o trabalho, que os estudantes do PROEJA executam nos diversos lugares onde atuam na região do São Francisco, deve fazer parte de sua formação no IF SERTÃO-PE, pois se trata de uma atividade exclusivamente humana, por ser executada na busca da conquista dos direitos de cidadania e de forma consciente, diferente da ação animal, que é puramente instintiva. Para Marx (1989; p. 27) “o trabalho significa o primeiro pressuposto de toda história humana.” Portanto, o trabalho é inerente ao homem, já que sem realizá-lo o homem não pode conservar sua existência. Então, por ser inerente é ontológico.

Seguindo para as abordagens e utilização do roteiro de entrevistas, quando solicitado, o professor Severino da disciplina empreendedorismo, no curso de Eletrotécnica, deu o seguinte depoimento:

A desigualdade está na percepção de muitos professores, na grande resistência em trabalhar com os alunos trabalhadores. Superar essa





## **ALFAEJA** **II Encontro Internacional de Alfabetização e Educação de Jovens e Adultos**

concepção desigual é o camarada perceber que esses alunos são trabalhadores também. Uma produção grave dessas desigualdades sociais pra mim é quando o aluno sai lá do projeto (perímetro irrigado) pegando duas, três conduções e chega no Instituto e o professor falta por puro descaso ou porque não considera esse público importante ou porque não queria trabalhar nesse Programa. Eu sempre discuto isso com eles, tanto com os alunos quanto com os colegas. Da parte de alguns eu já vejo essa sensibilidade de considerar esses alunos, da parte de outros não. Mesmo assim eu acredito neles (estudantes), na força deles, na capacidade, na humildade.

O depoimento do professor nos remete ao entendimento de que as desigualdades sociais na realidade dos estudantes que vivem na região do Semiárido Nordeste têm particularidades, específicas do lugar, porque se relacionam à vida no sertão, ao fenômeno da seca na caatinga, do cultivo da terra nas áreas de sequeiro e da espera das chuvas, que são escassas, assim como envolvem também o trabalho nos perímetros irrigados plantando, colhendo e comercializando frutas. Esses são os lugares onde os estudantes trabalhadores do PROEJA IF SERTÃO vivem, se locomovem, desenvolvem suas práticas laborais, suas profissões e suas relações sociais de lazer e de cultura. Por isso, elas devem ser consideradas no âmbito das propostas e das políticas educacionais, também pelos sujeitos que atuam nesse campo.

Portanto, quando ocorre o inverso, Freire (2001, p. 40) afirma que:

É como se a atividade profissional dos homens e das mulheres não tivesse nada que ver com suas experiências de menino, de jovem, com seus desejos, com seus sonhos, com seu bem-querer ao mundo ou com seu desamor à vida, com sua alegria ou com seu mal-estar na passagem dos dias e dos anos. Em primeiro lugar, qualquer que seja a prática de que participemos, a de médico, a de engenheiro, a de torneiro, a de professor, não importa de quê, a de alfaiate, a de eletricitista, exige de nós que a exerçamos com responsabilidade. Ser responsável no desenvolvimento de uma prática qualquer implica deveres com o outro e o exercício de direitos.

Ainda nessas abordagens, o professor Gildásio, engenheiro civil, posicionou-se da seguinte forma:

Penso que desigualdade é trabalhar com os alunos do Programa de forma diferente das demais turmas dos cursos técnicos, aí sim eu estaria sendo perverso com eles, pois no trabalho nas empresas terão que desempenhar de igual forma com os demais técnicos das outras turmas. Se a gente trabalha diferente o aluno sai alienado com relação às exigências do setor produtivo. A gente trabalha num programa mas para o empresário o aluno é um técnico que tem que ser cobrado de forma igual, independentemente de curso, por isso é que eu trabalho a mesma aula do ensino técnico. Para superar essa desigualdade acredito que o certo é criar incentivos para os empresários contratar esses estudantes logo após concluir os cursos. Talvez se o governo federal trouxesse esse incentivo, essa desigualdade seria superada.



## **ALFAEJA** **II Encontro Internacional de Alfabetização e Educação de Jovens e Adultos**

Desenvolver uma política que esses trabalhadores tivessem horas para estudar.

O ponto de vista sobre desigualdade apresentado pelo professor entrevistado é criticado, nos clássicos estudos de Gramsci (2000), quando discute o Americanismo, o fordismo e a produção industrial nas bases do taylorismo-fordismo. Segundo o autor, essas teorias introduziram nas empresas o movimento da administração científica com ideias de que a produtividade resulta da eficiência do trabalho. Por isso, a questão não é trabalhar duro, nem depressa, nem bastante, mas trabalhar de forma inteligente. Essa forma “inteligente” é reforçada na era toyotista que, no mundo do trabalho atual, tem recusado os trabalhadores herdeiros da cultura fordista-taylorista, fortemente especializada, substituindo-os pelos trabalhadores polivalentes e multifuncionais da era toyotista, ideologia veiculada no depoimento do professor e demonstrada quando apresenta a preocupação em formar os alunos para, após terem seus desempenhos, competências e habilidades avaliadas, serem aceitos no setor produtivo.

Essas teorias têm algo em comum, preconizam a busca pela eficiência, buscando tornar as pessoas e empresas mais produtivas, aumentando a prosperidade demandada pelo capital industrial, que padroniza a força de trabalho sem considerar as características psicológicas e cognitivas dos trabalhadores.

Em suas concepções de escola única Gramsci (1982) reintegra a unidade do fato educativo com o ideal de formação humana geral, isto é, a profissionalização e a formação humana integral se encontrarão no homem como uma necessidade dos tempos modernos. Para o autor, cabe à escola “unitária” a tarefa de “inserir” os jovens na atividade social, depois de tê-los levado a um certo grau de maturidade e capacidade de criação intelectual prática e de uma certa autonomia.

Partindo desses conceitos, critica-se currículo relacionado à prescrição onde se identifica a pedagogia de classes que conferiu ao currículo uma posição definitiva na epistemologia da escolarização com o poder de determinar e aplicar a diferenciação entre a classe operária e os filhos das famílias de boa renda.

Nessa trajetória, quando perguntada sobre suas concepções a respeito de desigualdades, a estudante de informática Jeruza, 38 anos, vendedora de produtos para supermercado, funcionária de uma empresa há 21 anos e, agora, ganhando dois salários mínimos, responde:

Nunca me senti desigual no emprego porque os donos também são técnicos, já estudei também um curso técnico em contabilidade,



## **ALFAEJA** **II Encontro Internacional de Alfabetização e Educação de Jovens e Adultos**

terminei em 1991 parei esse tempo todo porque tive dois filhos e além de ter que cuidar deles, continuei trabalhando, só que agora vim estudar no PROEJA para me atualizar, aperfeiçoar minha profissão e ocupar uma vaga superior na empresa, de gerente talvez. Pretendo fazer um curso superior, não sei ainda qual a área, vou pensar, Minha perspectiva de superação para quem se sente desigual na empresa, ou no salário é procurar estudar, o estudo pode melhorar vida desigual dessa pessoa.

O depoimento da estudante vincula-se à teoria do capital humano que postula a educação e o treinamento como potencialidade para o trabalho e que deve ser um investimento feito pelo sujeito individual ou pelas empresas interessadas em sua mão de obra para um acréscimo na produtividade do trabalhador. Desse investimento em educação, a teoria preconiza um lucro que redundaria em taxas de retorno sociais ou individuais, pois, há, nessa concepção, uma ligação direta entre educação e produção. Essa teoria é chamada por Frigotto, (2010, p. 153-155) de “ideologia burguesa do papel econômico da educação”. Para o autor:

A educação e a qualificação aparecem como panacéia para superar as desigualdades entre nações, e regiões ou indivíduos. O problema da desigualdade tende a reduzir-se a um problema de não qualificação [...] Da análise aqui realizada, a tarefa fundamental é que a teoria ou doutrina do capital humano, enquanto um determinado processo e forma de conhecimento da realidade, não é algo que nasce por acaso. A produção desta teoria e seu corpo de ideias guarda uma ligação estreita com as relações sociais de produção. Trata-se de um conhecimento que carrega a marca e a ótica burguesas.

Na subjetividade da estudante, o trabalho constitui o capital e o uso desse capital, ou seja, o salário do cargo superior, melhora a vida do trabalhador; o salário na empresa significa o próprio processo capitalista de produção, a lógica do capital. É dessa maneira que o processo trabalho/capital aprisiona ou, ao mesmo tempo, gera conflitos, tensões e oposições nas relações empregador/empregado e nas relações sociais dos sujeitos trabalhadores de uma forma geral, pois os mesmos vão continuar procurando a escolarização para se inserir nesse sistema capitalista, caso contrário, sem emprego e sem salário, vão sofrer ainda mais diferentes formas de desigualdade.

Nessa realidade, essas vozes nos ajudam a reunir sentidos de que, dependendo do tipo de trabalho que esses estudantes desenvolvem, o tempo que ficam fora da escola é maior do que o que costumamos identificar. Quem trabalha na roça, por exemplo, tem muito menos possibilidade de se locomover até a escola do que os estudantes que trabalham na cidade; por conseguinte, como são obrigados a trabalhar para sobreviver, abandonam as aulas, principalmente porque em nossa região, o transporte dos



perímetros irrigados até a cidade é muito demorado, além disso, muitas estradas ainda são de cascalho, o que dificulta, ainda mais, o tráfego dos veículos. Tudo isso, são indícios das múltiplas e diferenciadas desigualdades identificadas na realidade dos estudantes jovens e adultos trabalhadores do Semiárido Nordeste na região do vale do São Francisco nas cidades circunvizinhas de Petrolina-PE e Juazeiro-BA .

## **CONSIDERAÇÕES (IN)CONCLUSIVAS**

As reflexões trazidas neste trabalho contribuem para o aprofundamento da compreensão dos entrevistados a respeito das desigualdades sociais no contexto educacional da EJA integrada ao Ensino Médio e ao ensino Técnico Profissional.

Mediante esses estudos, foi possível, por meio da trajetória percorrida, chegar a algumas conclusões que dialogam diretamente com o tema estudado como objeto deste trabalho. Uma das conclusões foi a identificação do trabalho como concepção central nas falas dos professores e estudantes a respeito das desigualdades.

Também foi possível fazer confluências significativas entre os estudos de Agamben (2007), a respeito das profanações dos direitos dos sujeitos da EJA em trabalhar, estudar e exercer a cidadania, e as desigualdades produzidas pelo sistema capitalista que profana esses direitos quando seleciona, classifica e exclui os trabalhadores subtraindo seus direitos de estudar e trabalhar como determina a Constituição de 1988. Prova disso é o depoimento do estudante W quando afirma:

[...] no programa não sofro nenhuma discriminação porque todos que estão aqui buscam, justamente sair dessa situação de exclusão no mercado de trabalho por falta de escolaridade, pois por parte dos colegas, em sala de aula, nunca recebi nenhum tipo de discriminação.

As contribuições dos autores e as vozes dos sujeitos envolvidos na pesquisa, durante essas aproximações com o problema deste estudo, remetem-nos ao entendimento de que as concepções do trabalho como modo de produção e sobrevivência dos seres humanos estão presentes em vários contextos da atualidade e, na educação, esse aspecto aparece como busca constante dos trabalhadores como recurso para aperfeiçoamento de suas profissões e práticas profissionais, o que se evidenciou, no ano de 2010, no período das primeiras aproximações com as questões das desigualdades sociais junto ao PROEJA do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano em Petrolina-PE.



# ALFAEJA

## II Encontro Internacional de Alfabetização e Educação de Jovens e Adultos

Por isso, considero este trabalho como contribuição de investidora educacional profissional, pois a política em foco se apresenta na realidade nacional com objetivos que intencionam minimizar desigualdades sociais do País e, de certa forma, sanar a dívida que a nação tem com as classes trabalhadoras, que vem se perpetuando por muitas décadas na realidade educacional de jovens e adultos, o que não significa dizer que sua implantação e execução alcancem os objetivos pretendidos e, que, realmente, contribuam para minimizar essas desigualdades.

### REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **Profanações**. São Paulo: Boitempo, 2007.

ALVARENGA, Marcia Soares de. **Sentidos da Cidadania**: Políticas de Educação de Jovens e Adultos. Rio de Janeiro. EdUERJ, 2010.

ALVARENGA, Marcia Soares de; TAVARES, Maria Tereza Goudard. Cotidiano escolar e as redes de conhecimento na escola: notas sobre processos de escolarização de crianças de periferias urbanas. In FERRAÇO, Carlos Eduardo; PEREZ, Carmem Lucia Vidal; OLIVEIRA, Inês Barbosa de. (orgs). **Aprendizagens Cotidianas com a Pesquisa**: novas reflexões em pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas. Petrópolis: DP et Alii, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **Contra Fogos**. Tática para enfrentar a invasão neoliberal. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_, **Escritos da Educação**. Maria Alice Nogueira & Afrani Catan (organizadores) 11. ed – Petrópolis, RJ: vozes, 2010.

BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. **PROEJA** – Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos – Documento Base. Brasília, agosto, 2007.

CASTEL, Robert. **As Metamorfoses da Questão Social**: uma crônica do salário. Petrópolis: Vozes, 1998.

DUBET, François. **As desigualdades multiplicadas**. Revista Brasileira de Educação. N. 17. Mai/jun/jul/ago 2001.

FREIRE, P. **Educação como Prática de Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

\_\_\_\_\_, **Política e Educação**: ensaios. 5. Ed. São Paulo, Cortez, 2001.



FRIGOTTO, Gaudêncio. A produtividade da escola improdutiva: um (re)exame das relações entre educação e estrutura econômico-social capitalista. 9. Ed. São Paulo: Cortez, 2010.

GRAMSCI, Antonio. Os Intelectuais e a Organização da Cultura. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

\_\_\_\_\_, Cadernos do cárcere. Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo, v. 2. Rio de Janeiro: civilização Brasileira, 2000.

HOBBS, Thomas. Leviatã, ou Matéria, forma e poder de um Estado eclesiástico e civil. Tradução Rosina D Angina; consultor jurídico Thélío de Magalhães – São Paulo: Martin Claret, 2009 – (Coleção a obra-prima de cada autor, série ouro; 1)

LOCKE, John, Ensaio Acerca do Entendimento Humano. São Paulo: Nova Cultural, 2000. Coleção Os Pensadores.

MARX, Manuscritos econômico-filosóficos. Lisboa: Ed. 70, 1989.

\_\_\_\_\_, Para a Crítica da Economia Política; salário, preço e lucro; o rendimento e suas fontes: a economia vulgar. São Paulo: Abril Cultural, 1982. (Coleção Os Economistas).

ROUSSEAU, Jean Jaques. Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens. Em: Rousseau. O contrato social e outros escritos. São Paulo: Cultrix, 1999.